



DIREITO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Empresas arriscam novos gastos com patente imposta por Bruxelas

Comissão quer acelerar a chamada Patente da União Europeia. Advogados especialistas concordam, mas querem as empresas nacionais salvaguardadas



Marta Poppe

Propriedade Intelectual | Os responsáveis da UE defendem a criação da Patente da União Europeia, para estimular a investigação e defender as empresas.



Bessa Monteiro quer que o poder político nacional salve o uso da língua portuguesa.



Leonor Chastre vê como muito positiva a criação de um sistema de patentes único e centralizado.



Devido à globalização, **Manuel Lopes Rocha** vê a patente da UE como algo inevitável.

JOÃO MALTEZ
 jmaltez@negocios.pt

Já lhe chamaram patente comunitária, hoje chamam-lhe patente da União Europeia. Mudou o nome, mas nunca saiu do papel. Ganhou agora novo impulso, depois da Comissão Europeia considerar que tem mesmo de ser adoptada, porque permitirá reduzir os gastos das empresas. César Bessa Monteiro, presidente da Associação Portuguesa dos Consultores em Propriedade Industrial (ACPI), não raciocina dessa forma e diz mesmo que as empresas portuguesas podem mesmo ter de sujeitar-se a novos gastos.

“Temos de partir do pressuposto de que a Patente da União Europeia interessa sobretudo aos grandes países e às grandes empresas, e não fundamentalmente a países onde o tecido empresarial é de pequenas e médias empresas”, alerta o também advogado Bessa Monteiro.

Actualmente, existe um sistema de patentes a nível europeu – ao abrigo da Convenção de Munique, adoptada por Portugal – que obriga a que os registos, para serem reconhecidos nos diferentes países signatários, sejam traduzidos para os respectivos idiomas. Com a chamada patente da União Europeia, as traduções deixam de obrigatórias para quem faz o registo, uma vez que a regra que Bruxelas quer impor determina o uso apenas do inglês, do alemão e do francês.

Até por isso, o presidente da ACPI sustenta que “as empresas portuguesas só não sairão fortemente penalizadas” com a criação da patente da União Europeia se for “defendido o uso do português nessas patentes”. De outro modo, “as empresas portuguesas terão de gastar milhares de euros, quando, num processo de investigação, quiserem saber se o que estão a criar já foi ou não divulgado dentro ou fora do País”.

César Bessa Monteiro admite que não é contra a criação da patente em causa, mas considera necessário que se exija por parte do poder político nacional “uma posição muito firme quanto à necessidade do uso do português. Até para que “seja salvaguardada a defesa da jurisdição dos nossos tribunais” para dirimir conflitos relacionados com a patente da União Europeia.

Mau Funcionamento dos tribunais

O apreço pela adopção desta patente é partilhado por Manuel Lopes Rocha, também advogado especializado na área do direito da propriedade industrial. Conforme avança, “as empresas portuguesas, se quiserem ser competitivas, têm de ir ao mercado global”. E, neste mercado, “quem não detiver um portefólio de patentes terá grandes dificuldades”. Se há problemas a apontar nesta área, estes prendem-se, adianta ainda

da o sócio da PLMJ, com o tempo de resposta dos tribunais nacionais.

“Onde todos ganharíamos era na solução deste escândalo nacional que é o funcionamento dos tribunais do comércio. Como se pode querer ser uma sociedade do conhecimento se as jurisdições competentes, em sede de patentes, respondem com os atrasos que se sabe?”, interroga Manuel Lopes Rocha.

Leonor Chastre, advogada e sócia da Abreu, sustenta, de resto, que a proposta apresentada por Bruxelas vai no sentido de ser criado “um sistema que não pretende substituir os sistemas nacionais e o sistema europeu vigentes, mas visa, sim, a coexistência desses sistemas jurídicos”.

Para esta especialista em direito de propriedade intelectual, há, contudo, um aspecto que se afigura como o mais positivo de entre os que aponta: “a adopção de um sistema único e centralizado de resolução de litígios nesta matéria.”

Há uma posição unânime em torno do “sim” à patente da União Europeia, mas as razões desse apoio divergem.